

**O pensamento libertário de Paulo Freire:** intersecções com a decolonialidade, o afrocentrismo e os saberes griôs quilombolas

**Paulo Freire's libertarian thought:** intersections with decoloniality, afrocentrism and griôs quilombolas knowledge

Josenildo Campos Brussio<sup>1</sup>

**Resumo:**

O presente artigo visa demonstrar as intersecções do pensamento de Paulo Freire para a construção de uma pedagogia decolonial, afrocêntrica e quilombola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo, dividida em duas partes: primeiro, traçamos algumas influências de Freire com autores decoloniais e afrocêntricos, destacando as contribuições de Frantz Fanon para a obra freireana e depois apontamos a importância do pensamento freireano como força para os movimentos sociais. Em seguida, apresentamos uma pesquisa empírica resultado de um projeto de extensão intitulado Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais, realizado em uma comunidade quilombola no interior do estado do Maranhão: a comunidade da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo-MA. Conclui-se que Paulo Freire sofreu fortes influências de Frantz Fanon na produção de suas obras e o seu pensamento é precursor das bases epistemológicas da decolonialidade. Aponta-se também o quanto o pensamento de Freire inspirou pensadores decoloniais e do afrocentrismo americano (norte e sul), bem como a sua filosofia da educação influencia diretamente professores quilombolas no processo ensino-aprendizagem dos saberes griôs.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Decolonialidade; Afrocentrismo; Saberes griôs.

**Abstract:**

This article aims to demonstrate the intersections of Paulo Freire's thought for the construction of a decolonial, Afrocentric and quilombola pedagogy. This is a qualitative, bibliographic and field research, divided into two parts: first, we outline some of Freire's influences with decolonial and Afrocentric authors, highlighting Frantz Fanon's contributions to Freire's work and then we point out the importance of Freire's thought as a force for social movements. Next, we present an empirical research resulting from an extension project entitled Griô Knowledge, Literature, Teacher Training and Educational Technologies, carried out in a quilombola community in the interior of the state of Maranhão: the Vila das Almas community, in the Saco das Almas quilombo, in Brejo-MA. We conclude that Paulo Freire was strongly influenced by Frantz Fanon in the production of his works and his thought is pioneer of the epistemological bases of decoloniality. It also points out how Freire's thinking inspired decolonial thinkers and American Afrocentrism (North and South), as well as how his philosophy of education directly influences quilombola teachers in the teaching-learning process of griot knowledge.

**Keywords:** Paulo Freire; Decoloniality; Afrocentrism; Griot knowledge.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Associado III da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de São Bernardo (CCSB) e professor permanente do Mestrado em Dinâmicas Sociais, Conexões Artísticas e Saberes Locais (PPGDS/CCSB/UFMA). Professor permanente do Mestrado em Educação Profissional da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC) e do Laboratório de Estudos do Imaginário (LEI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>. E-mail: [josenildo.brussio@ufma.br](mailto:josenildo.brussio@ufma.br).

## Prelúdio

*Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúm'lo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer.  
Prende-os a mesma corrente  
— Férrea, lúgubre serpente —  
Nas roscas da escravidão.  
E assim zombando da morte,  
Dança a lúgubre coorte  
Ao som do açoute... Irrisão!..  
(Castro Alves – Navio Negreiro)<sup>2</sup>*

Gritos e grilhões ... quantas vezes ecoaram ao longo da história dos povos latino-americanos durante o processo de colonização. “Ouvem-se gritos... o chicote estala. E voam mais e mais...” (Alves, 1997) Quantos gritos de dor, desespero e sofrimento! Quantas atrocidades, genocídios, epistemicídios<sup>3</sup>, mortes e devassidão! Correntes e prisões ainda cerceiam e tolhem os direitos humanos dos “esfarrapados do mundo” (Freire, 2002, p. 14). É por isso que Freire dizia estar ao lado dos “condenados da Terra” (Freire, 2002, p. 14), aludindo à influência de Fanon em sua forma de pensamento crítica e libertária.

Para Freire (2022), a liberdade começa pela capacidade de expressão, seja pela voz, pelo corpo, pela arte, pela música, pelo silêncio dos “condenados da Terra”. Freire (2022) defendia efetivamente esse conjunto de opções, “opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se ‘descolonizasse’ cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos” (p. 51). Exercício sofridamente feito por Fanon (2008) que “gostaria de transformar o negro em

---

<sup>2</sup> Trouxemos esse trecho do poema Navio Negreiro de Castro Alves como símbolo da luta pela liberdade, tema que travessou toda a poesia do poeta baiano, muito bem respaldada nas palavras de outro baiano memorável, Jorge Amado: “Este, cuja história vou te contar, foi amado e amou muitas mulheres. Vieram brancas, judias e mestiças, tímidas e afoitas, para os seus braços e para o seu leito. Para uma, no entanto, guardou ele suas melhores palavras, as mais doces, as mais ternas, as mais belas. Essa noiva tem um nome lindo, negra: **liberdade**” (Amado, 2010, p. 9). Evoco essas duas almas eloquentes da literatura brasileira por hastearem a bandeira da liberdade tão graciosamente como fez o nosso maior filósofo da educação brasileira: Paulo Freire.

<sup>3</sup> De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2019), o epistemicídio pode ser considerado o descrédito, a supressão e a morte das práticas sociais de diferentes culturas na produção de conhecimento locais perante os conhecimentos europeus. A partir dessa terminologia e conceito de Boaventura, diversos pensadores construíram fundamentos a cerca desse pensamento, no entanto, o epistemicídio, como assassinato e apagamento da produção de conhecimentos do povo negro e da herança ancestral do continente africano, é muito bem apontado por Njeri e Aziza (2020, p. 3).

um ser de ação, por causa das barreiras à liberdade em ambientes racistas e coloniais” (p. 15). Ambos possuíam o mesmo desejo de liberdade para o homem, para a humanidade.

Nossas reflexões sobre a relação de Freire com a Decolonialidade resultam no desenho estrutural de três seções do texto: na primeira, abordamos as interseções do pensamento de Fanon com o Grupo Modernidade/Colonialidade e, conseqüentemente, as influências de Fanon sobre Freire e o Afrocentrismo. Na segunda seção, apresentamos as aproximações do pensamento de Paulo Freire com a Decolonialidade, com ênfase nas influências de Frantz Fanon em suas obras, destacando as posições políticas assumidas pelo educador brasileiro, carregadas de um simbolismo representativo das classes oprimidas, os “condenados da Terra”, os “excluídos”. Na terceira seção, trazemos as contribuições de Paulo Freire para as comunidades quilombolas a partir de seus ensinamentos sobre a luta pela terra, pela identidade, pela descolonização e pela libertação dos sujeitos oprimidos. Fazemos essa relação a partir de um projeto de extensão intitulado *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais*, realizado em uma comunidade quilombola no interior do estado do Maranhão: a comunidade da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA.

### **Material e método**

O presente estudo alicerçou-se na pesquisa qualitativa, dialogando com o entendimento de Minayo (2001, p. 22) sobre esse tipo de investigação: “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A escolha da pesquisa qualitativa é bem oportuna quando temos a intenção de demonstrar um fenômeno que vem sendo analisado cada vez mais cuidadosamente nas Ciências Sociais, principalmente, na Educação: as bases decoloniais do legado filosófico, político e pedagógico de Paulo Freire. Estamos lidando com pessoas, com um fenômeno humano e nessa mesma esteira de pensamento, Triviños (1987, p. 130) aponta que “uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas”.

No plano estrutural, a pesquisa foi dividida em duas partes: na primeira, realizamos uma pesquisa bibliográfica na qual apontamos a influência direta que Paulo Freire recebe da obra de

Frantz Fanon e depois assinalamos a importância do pensamento freireano como força para os movimentos sociais. Por meio da revisão de literatura, fizemos uma leitura atenta e sistematizada acompanhada de resenhas, anotações e fichamentos que, por sua vez, serviram de subsídios e de fundamentação teórica para a feitura da pesquisa (Mazucato, 2018, p. 66).

Em seguida, apresentamos uma pesquisa empírica resultado de um projeto de extensão intitulado *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais*<sup>4</sup>, realizado em uma comunidade quilombola no interior do estado do Maranhão: a comunidade da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA. Essa etapa foi realizada no período de agosto de 2022 a março de 2023, tratou-se da pesquisa de campo propriamente dita, com a aplicação dos instrumentos de coleta de dados e a análise dos dados.

Utilizamos como método de coleta de dados a observação assistemática que consiste na observação da realidade sem a utilização de meios técnicos, aproximando-nos de uma “conversação de campo”, que confere maior liberdade de expressão aos participantes da pesquisa, conforme aponta Frazão e Lima (2017, p. 626): “O foco das pesquisas brasileiras nessa linha é a interpretação da relação da linguagem com o mundo, investigada com base na ação da fala sobre os atos sociais.”

No período mencionado acima, a equipe executora do projeto entrou em ação para ouvir os quilombolas, fazer um diagnóstico de sua realidade, vivências e experiências, a fim de relacionar os interesses coletivos às necessidades coletivas, sobretudo como os saberes griôs têm sido trabalhados em duas escolas públicas da comunidade quilombola: a escola Municipal Antônio Martins Costa e a escola Estadual Patrício da Cunha Costa. Apresentaremos o resultado dessas experiências na última seção do artigo.

Após uma breve exposição da construção metodológica da presente proposta, apontaremos, na próxima seção, a importância e influência do médico Frantz Fanon na vida de Paulo Freire e algumas contribuições do psiquiatra para a propagação do pensamento decolonial nas Américas e no mundo.

---

<sup>4</sup> O projeto de extensão *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais* é um desdobramento do projeto de pesquisa *Saberes Griôs, Memórias, Narrativas Orais e Ancestralidade* aprovado em parecer consubstanciado pelo Conselho de Ética e Pesquisa (CEP/CONEP), da Plataforma Brasil, com o número CAEE: 59364222.1.0000.5087.

## Freire, Fanon, Decolonialidade e Afrocentricidade

Frantz Fanon foi um psiquiatra e filósofo político, natural das Antilhas francesas da colônia francesa da Martinica. O médico psiquiatra antilhano foi testemunha e protagonista, ao militar na Frente de Libertação Nacional (FLN), durante a guerra pela emancipação da Argélia (1954-1962). Como psiquiatra, sua vivência foi fundamental para traçar o perfil das pessoas colonizadas, em um livro que se tornou referência obrigatória para os estudos sobre o colonialismo *Os Condenados da Terra* (1968).

Suas obras tornaram-se influentes nos campos dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo. Dentre elas, destacamos duas: *Pele Negra, Máscaras Brancas*, publicado em 1952 e *Os Condenados da Terra*, publicado em 1968, que influenciaram fortemente a literatura freiriana. Faz-se mister destacar que além de Paulo Freire muitos outros grandes pensadores americanos foram impactados pelo pensamento de Fanon, a saber: Ama Mazama, Marimba Ani, Molefi kete Asante, Nah Dove, Angela Davis e bell hooks.

Um dos grandes pensadores da decolonialidade na atualidade, o professor Walter Mignolo (2017) também se sentiu minado pelos ideais de Fanon ao reconhecer o protagonismo do psiquiatra martinicano para a elaboração das bases do pensamento fronteiriço, do corpo racializado, da “percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo” (Mignolo, 2017).

Para Mignolo (2017), a decolonialidade “é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade”. Discutir esse conceito remete historicamente aos estudiosos do Grupo Modernidade/Colonialidade que afirmam existir padrões de relações de poder a longo prazo naquilo que viemos chamar de modernidade (Maldonado-Torres, Quijano, Wallerstein, 2009).

Assim, a colonialidade é um elemento pertencente à modernidade, através de ideias projetadas por povos que se consideravam superiores (europeus) aos demais e que utilizavam a colonialidade como um fator de prosperidade, salvação, felicidade. Quando Mignolo apresenta a decolonialidade como a resposta à Colonialidade/Modernidade quer destacar que é necessário des-colonizar: “a descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção” (Mignolo, 2017, p. 15). Para descolonizar, é preciso pensar e argumentar o “não-moderno”, que requer desprendimento e pensamentos fronteiriços, “para, assim, legitimar que outros futuros

mais justos e igualitários possam ser pensados e construídos para além da lógica da colonialidade constitutiva da retórica da modernidade” (*Idem*, p. 25).

O Programa de Investigação da Modernidade/Colonialidade Latino-Americano é uma rede complexa composta por pesquisadores da América Latina e dos Estados Unidos, entre os quais se destacam Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Agustín Lao-Montes, Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, Immanuel Wallerstein, Nelson Maldonado-Torres, Arturo Escobar, Boaventura Santos e Zulma Pallermo.

Segundo a cientista política brasileira Luciana Ballestrin, que foi pioneira nas publicações sobre a decolonialidade no Brasil, “o coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial” (Ballestrin, 2013, p. 89).

Seria difícil definir o Grupo Modernidade/Colonialidade em poucas palavras, mas é possível delinear alguns pontos-de-vista ou parâmetros que tangenciam as atividades do grupo: primazia nos estudos decoloniais, a publicação de livros e artigos, a realização de eventos e promoção de grupos de estudos, laboratórios e programas de pós-graduação para ampliação de difusão da rede decolonial.

Importante frisar que o Grupo Modernidade/Colonialidade conseguiu reunir nestes últimos anos um grupo seleto de pensadores decoloniais que têm desenvolvido formas de rupturas epistêmicas (Dignolo, 2017) que evitem os epistemicídios, ocasionados pela colonialidade do poder (Quijano, 2009), que se expande com a pós-modernidade e a globalização.

Paralelo aos trabalhos do Grupo Modernidade/Colonialidade, temos, no Brasil, o surgimento de pesquisas sobre a Afrocentricidade, que ganham força com a promulgação da Lei nº 10.639/03 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

A Afrocentricidade surge com muita força nos EUA, nos anos 80, a partir do trabalho do professor Molefi Kete Asante, professor e chefe do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Temple, na Filadélfia, nos Estados Unidos. No Brasil, os estudos sobre a Afrocentricidade são bem acolhidos por Abdias Nascimento que os emprega engajadamente ao conceito de quilombismo e Elisa Larkin Nascimento, dirigente do IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros) que lança o livro *Afrocentricidade: uma*

*abordagem epistemológica inovadora* (2009), pela Coleção Sankofa – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira. A obra reúne artigos de Carlos Moore, Elisa Larkin Nascimento, Molefi Kete Asante, Ama Mazama, Abdias Nascimento, só para citar alguns.

Para Asante (2016), a Afrocentricidade, como uma ideia intelectual, “também se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar formas excitantes de adquirir conhecimento baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno” (Asante, 2016, p. 11).

Abdias Nascimento reforça a importância do Quilombismo como um movimento afrocêntrico proveniente dos negros escravizados no Brasil. Para ele, “os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro da organização de uma sociedade livre” (Nascimento apud Nascimento, 2009, p. 203).

Marimba Ani (2015), na obra *Yurugu – uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeus*, realizou uma crítica contundente à cultura eurocêntrica e à civilização a partir da perspectiva afrocêntrica. Ama Mazama (2001) fez um belíssimo trabalho sobre o posicionamento epistemológico dos negros mediante à supremacia branca e nos apresenta *O Paradigma Afrocêntrico (The Afrocentric Paradigm)*.

Pela Afrocentricidade rompe-se com o colonialismo europeu imperativo nas culturas americanas (afro-americanas, afro-latinas, afro-brasileiras) e aproxima-se mais de um pensamento africano. Isso mesmo! É preciso pensar a África em toda a sua diversidade, pluralidade de culturas e povos, afinal, é um continente gigantesco com 54 países que ainda tem muito a nos ensinar. Grande parte da ancestralidade do povo brasileiro veio de lá!

Segundo o filósofo brasileiro Muniz Sodré, “uma longa tradição de pesquisa realça o lugar singular da África na história humana culminando com a obra pioneira de Cheik Anta Diop e o posterior conceito de Afrocentricidade” (Sodré apud Nascimento, 2009, p. 26).

No Brasil, os estudos decoloniais e afrocêntricos têm crescido bastante,

bem como da recuperação da obra de autores essenciais como Manuel Querino (1851-1923), Edison Carneiro (1912-1972), Abdias Nascimento (1914-2011) e Clóvis Moura (1925-2003), entre outros, algo que tem sido feito nos últimos anos pelos pesquisadores especializados em história e cultura afro-brasileira (Macedo, 2016, p. 13).

Segundo Aza Njeri (2020), “o pensamento mulherista afrocentro-brasileiro tem muito a agregar ao pan-africanismo e à afrocentricidade, já que nós, mulheres e homens negros, compomos a maior diáspora africana no mundo” (Njeri, 2020, p. 1).

Pessoas negras que desempenham o princípio mítico-uterino feminino de nutrição físico, psíquico, intelectual ou espiritual de potências (pessoas), utilizando-se da centralidade, localização e agência afrocêntrica de emancipação do povo preto, estão praticando o matriarcado africano. Portanto, o entendimento de nutrir potências não possui exclusividade de gênero (Njeri, 2020, p. 9).

Nessa mesma esteira, temos finalmente um levante da filosofia negra africana e afro-brasileira despontando em nossas universidades nos últimos vinte anos, emergindo com a Decolonialidade, o Afrocentrismo, o Mulherismo-Africano, a Interculturalidade, a Interseccionalidade, e acreditamos que ainda haverá novas epistemologias de libertação (do jugo do projeto de Colonialidade que nos oprime) por vir.

Pelo exposto, conjecturamos que o grito de liberdade anunciado por Castro Alves contra a escravidão em *Navio Negreiro*, aclamado por Jorge Amado (representativo do desejo de “liberdade”) e dinamizado pelo projeto de educação libertária de Paulo Freire, reverberou nas epistemologias de combate à Colonialidade do Poder<sup>5</sup> (Quijano, 2009), como a Decolonialidade e a Afrocentricidade.

### **Decolonialidade e pensamento freireano**

Os diálogos de Paulo Freire com a decolonialidade sempre tangenciaram a sua obra, ainda que não tenha utilizado a palavra explicitamente, uma vez que esta só veio a ser utilizada, enquanto campo epistemológico, nos anos últimos vinte anos (Mignolo, 2017). Frases como “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 2022, p. 51) e “o que importa, realmente, ao ajudar o homem é ajudá-lo a ajudar-se. (E aos povos também). É fazê-lo agente de sua própria recuperação [...]” (Freire, 2022, p. 79) carregam um desejo de

---

<sup>5</sup> Utilizamos a expressão Colonialidade do Poder conforme o entendimento do Aníbal Quijano: “Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoira que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado” (Quijano, 2009, p. 73).

libertação humana que sobrepuja qualquer esforço de colonização. É nesse sentido que Freire sentiu e expressou o pensamento decolonial na sua essência!

Não se trata só do Freire educador, de uma trajetória de luta pela libertação das classes populares da opressão do colonizador. Trata-se de um Freire sensível, crítico, inovador, irradiador, um verdadeiro compêndio para a formação de professores. Como poderíamos falar sobre a complexidade do processo de formação de professores na atualidade sem reflexões sobre o pensamento de Tardif, Nóvoa, Giroux, Contrerás, entre outros (a lista seria enorme!), todos inspirados pela pedagogia freiriana? É salutar que todo processo de formação de professores no Brasil deva passar obrigatoriamente por uma base epistemológica freiriana, principalmente após os ataques sofridos pelas instituições educacionais nos últimos anos, sob o cerco de várias forças neoliberais e conservadoras.

Os cursos de Educação no Campo, por exemplo, por todo o país, carregam uma base filosófica bem respaldada na literatura freireana. Mas não se pode dizer o mesmo dos autores que abordam a decolonialidade e os pioneiros na construção de uma educação para as relações étnico-raciais. Assim que vigente a Lei 10.639/03, documentos importantes sobre a implementação da lei como a *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2004) não fazem nenhuma referência às contribuições do educador brasileiro, cujo pensamento inspirou muitos movimentos sociais: o MST, o Movimento Negro, os movimentos indígenas, o Hip Hop, os quilombos urbanos, as revoluções em diferentes países da América Latina.

Mas não tem problema! Respeite-se a necessidade iminente (na época) de correr atrás dos prejuízos sofridos pelo povo negro por centenas de anos. Sim, cem anos após a “abolição” da escravatura (1888), somente cem anos depois, os negros brasileiros conquistam um pouco de respeito, dignidade e reconhecimento social (ainda que “negativo”, afinal reconhecia-se o racismo como crime – mas necessário<sup>6</sup>), com a promulgação da Constituição Federal de 1988<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> O reconhecimento social de que o povo negro brasileiro precisa é o que está disposto nos seus princípios fundamentais da CF/88: Art. 1º: II – cidadania; III – dignidade da pessoa humana; Art. 3º: I – construir uma sociedade livre, justa e solidária; III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Nossa, quão lindo o texto, quão terrível a realidade! Se todos esses princípios fossem efetivos, não haveria racismo, não haveria Lei Caó, não haveria criminalização da injúria racial!

<sup>7</sup> A Constituição Federal Democrática de 1988 institui o crime de racismo no seu Art. 5º, inciso XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

e a Lei Caó<sup>8</sup>, em 1989. Era necessário correr atrás de toda uma cultura silenciada, tradições abafadas, vozes perdidas, de negros, de indígenas, e de outros seres humanos subalternizados por padrões que não se encaixavam na lógica da Colonialidade do poder (Quijano, 2009).

Foram séculos de epistemicídios sofridos pelos povos originários, comunidades tradicionais e o povo negro brasileiro. Era necessário preencher esse vazio de história e cultura africana e afro-brasileira que nos foi negado desde o Estado de Maafa, termo cunhado por Marimba Ani para traduzir a “grande tragédia”, a ocorrência terrível, o infortúnio de morte, que identifica os 500 anos de sofrimento do povo negro por meio da escravidão, imperialismo, colonialismo, apartheid, estupro, opressão, invasões e exploração (Njeri; Aziza, 2020, p. 59).

É o genocídio histórico e contemporâneo global contra a saúde física e mental dos povos africanos, afetando-os em todas as áreas de suas vidas: espiritualidade, herança, tradição, cultura, agência, autodeterminação, casamento, identidade, ritos de passagem, economia, política, educação, arte, moral e ética. Desta forma, os africanos sofrem o trauma histórico da sua desumanização e reproduzem as violências, contribuindo - e muitas das vezes facilitando o trabalho - para o genocídio (Njeri, 2019, p. 07).

Na contramão desses processos de desumanização, muito bem apontados por Fanon e Freire, luta-se pela

Recuperação da obra de autores essenciais como Manuel Querino (1851-1923), Edison Carneiro (1912-1972), Abdias Nascimento (1914-2011) e Clóvis Moura (1925-2003), entre outros, algo que tem sido feito nos últimos anos pelos pesquisadores especializados em história e cultura afro-brasileira (Macedo, 2016, p. 13).

Manuel Querino, Clóvis Moura, Edison Carneiro, Abdias Nascimento (entre outros) são pensadores até pouco tempo esquecidos ou abandonados pela academia. Somente agora, com os estudos decoloniais, afrocêntricos, estudos africanos, estão sendo encontrados em seus asilos absortos. São novos tempos, mas ainda há muita luta pela frente, hoje Exu ganha até carnaval<sup>9</sup>, mas nem sempre foi assim.

Finalmente, podemos falar abertamente sobre Oxum, Oxossi, Ogum, Exu, Oxumarê, Xangô, Oyá ou Iansã. Temos uma belíssima proposta acadêmica que nos demonstra uma rica e potencial *Pedagogia da Encruzilhada*, do professor Luiz Rufino (2019), as *Filosofias Africanas*, de Nei Lopes e Luiz Antônio Simas (2023), o *Pensar Nagô* de Muniz Sodré (2017),

---

<sup>8</sup> A Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, conhecida como Lei Caó, define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. A referida lei recebe esse nome em homenagem aos esforços de parlamentares como o Sr. Carlos Alberto Caó, advogado, jornalista e político brasileiro, cuja carreira se destacou pela luta contra o racismo.

<sup>9</sup> A escola de samba Acadêmicos da Grande Rio venceu o Carnaval do Rio de Janeiro de 2022 com o enredo “Fala, Majeté! Sete chaves de Exu”.

as belas poesias, contos e romances de Conceição Evaristo, enfim, contamos com muitos estudos que brotam de nossa afrobrasilidade na contemporaneidade. Perdoem-me os que não pude citar no momento, a lista é grande!

Ainda estamos longe de preencher esse hiato, esse elo perdido. Se é que isso seja possível! Parece-nos mais sensato acreditar em novas formas de buscar o legado de nossas heranças ancestrais naquilo que Jung (2006, p. 47) denomina de “arquetipos” – resíduos arcaicos, elementos psíquicos em residem na mente humana por tempos imemoriais –, que dialoga bem com a ideia de “elã vital”, de Henri Bergson - um impulso que atravessa a matéria através de um duplo movimento de criação e de degradação até a matéria. Para o filósofo, matéria é movimento e a vida é sede de ascensão. Consequentemente, seria possível um diálogo com a “memória coletiva” proposta pelo discípulo de Bergson, Maurice Halbwachs (2006)<sup>10</sup>.

Quando trazemos essas provocações são para demonstrar o quanto o pensamento de Paulo Freire e suas relações com a Decolonialidade podem ser explorados por uma perspectiva do imaginário e da fenomenologia. Fizemos algo parecido na obra *Imagens arquetípicas na relação entre professor e aluno na escola: em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem* (Brussio, 2014). No texto, Freire sempre presente!

Mas vale mencionar que a influência de Freire no caráter formativo para uma educação libertária e emancipatória, voltada à liberdade do homem enquanto ser social, não poderia escapar aos estudiosos da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), no Brasil, e em 2006, três anos após a Lei 10.639/03, o documento de *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais, publicado pela Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*, traz algumas citações e referências de Paulo Freire pautadas, principalmente, na *Pedagogia da Esperança* (2020) e na *Pedagogia do Oprimido* (2019).

Sensível a esses problemas, Freire se pronuncia pela necessidade da ação, da *práxis*, da necessidade de transformação e contra o negacionismo: “A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza dos seres humanos” (Freire, 2002, p. 76). Essa é a posição ontológica do educador, uma busca incessante da natureza que nos conecta, dos seres humanos, independente de raça, gênero, etnia, idade, origens e ancestralidades.

---

<sup>10</sup> Precisariamos de mais espaço (o artigo tem limite de páginas) para esboçar a nossa tese sobre a relação dos arquetipos com a memória, sobretudo, a memória ancestral.

Quantos sabem o quanto Paulo Freire influenciou ou foi influenciado (em sua germinação) pelo que denominamos novas epistemologias? Foi esse o desafio a que nos propusemos refletir, no presente artigo, ao apontar as influências que o educador pernambucano recebeu das contribuições de Frantz Fanon.

Freire (2019) tratava o processo de desumanização na relação opressor x oprimido como um processo unilateral e de dominação, em que só através da reflexão e da descoberta crítica o oprimido poderia se libertar do opressor, fazendo assim emergirem os seus saberes:

Uma pedagogia que deve ser forjada com, e não para, os oprimidos (como indivíduos ou povos) na luta incessante para recuperar sua humanidade. Essa pedagogia faz da opressão e de suas causas objetos de reflexo dos oprimidos, e dessa reflexão viria sua necessária compromisso na luta pela sua libertação. É nesta luta que a pedagogia é feita e re-feita. O problema central é este: como podem os oprimidos como seres inautênticos divididos, participarem do desenvolvimento da pedagogia de sua libertação? Só quando descobrem que eles mesmos são “anfitriões” do opressor, podem contribuir para a obstetria de sua pedagogia libertadora. [...] A pedagogia do oprimido é um instrumento por sua descoberta crítica de que ambos - os oprimidos - como seus opressores são manifestações de desumanização (Freire, 2019, p. 33).

Toda a orientação política, crítica, dialética e reflexiva de Paulo Freire é uma *práxis* pedagógica que inegavelmente forma consciências humanas. É um exercício de formação do Homem, conquanto um processo de formação docente.

Especificamente humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente (Freire, 1996, p. 68).

Freire compreendia o ato de educar como um ato político, “a intervenção implicava necessariamente reconhecer e assumir-se como político” (Walsh, 2017, p. 17). Tal atitude era fonte inesgotável de Fanon que apontava a necessidade de uma reação dos oprimidos mediante os opressores.

Em *Condenados da Terra* (1968), o psiquiatra reitera que a colonização sempre é um processo violento e que desumaniza o colonizado, negando-lhe seu passado, sua essência e seus valores. “O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado de natureza” (Fanon, 1968, p. 46). Assim, Fanon (1968) pregava que se o colonialismo é violência pura, a resposta imediata deveria ser igualmente violenta. “Como aquele sistema se constrói pela força das armas, o submetido sabia que também por meio delas a sua hora chegaria” (p. 46).

Neste ponto, Freire diverge de Fanon (1968), o educador jamais corroborou com a violência como alternativa contra a colonialidade. Dentre a vasta literatura freiriana,

destacaremos três obras nas quais o pedagogo faz referência direta a Frantz Fanon: *A Pedagogia do Oprimido* (2019), *A Pedagogia da Autonomia* (2002) e *Educação como Prática de Liberdade* (2019). Na *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire (2002) faz alusão a esse posicionamento contrário à Fanon, sem destituir, de suas bases epistemológicas, as contribuições do psiquiatra:

O meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos. Não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas, pois que delas resultam a mortes de inocentes e a insegurança de seres humanos. O terrorismo nega o que venho chamando de *ética universal*(sic) do ser humano. Estou com os árabes na luta por seu direitos mas não pude aceitar a malvadez do ato terrorista na Olimpíadas de Munique (Freire, 2002, p. 14 – 15).

Vê-se claramente nas palavras de Freire (2002) a assunção das ideias de Fanon quando afirma “o meu ponto de vista é dos ‘condenados da terra’, o dos excluídos”, mas rechaça nitidamente a violência como resposta ao opressor (colonizador) ao afirmar “não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas”, e justifica que por causa destas “resultam as mortes de muitos inocentes e a insegurança de seres humanos”.

Na obra *Educação como Prática da Liberdade*, Freire (2019) destaca a necessidade da politização pela autorreflexão (categoria apresentada por Fanon na obra *Os Condenados da Terra*): “Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isto respeitadora do homem como pessoa” (Freire, 2019, p. 37).

Freire reiteradamente defendeu uma educação crítica, reflexiva, autônoma e libertária que valorizasse as pessoas mais pobres, menos escolarizadas e mais excluídas socialmente, pauta que lhe trouxe muitos aliados e adversários (Arelaro e Cabral, 2017). Defendeu com sagacidade a *práxis* libertadora que possibilite ao homem e a mulher o exercício do diálogo e da reflexão, tornando-os capazes de “criar e transformar o mundo, sendo sujeito de sua educação e ação” (Freire, 2019, p. 38).

Neste sentido, outra aproximação do pensamento freiriano ao pensamento de Frantz Fanon se dá pela consciência da ação transformadora enquanto sujeito das ações políticas para a libertação (Freire, 2019, p. 43). As experiências de luta de Frantz Fanon pela liberdade de seu país na Frente de Libertação Nacional da Argélia carregavam em seus discursos as consequências psicológicas da colonização, tanto para o colonizador quanto para o colonizado, bem como, o processo de descolonização, considerando seus aspectos sociológicos, filosóficos e psiquiátricos (vivências que inspiraram Paulo Freire em muitas de suas obras).

Em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Freire (2002) reitera:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (Freire, 2002, p. 105).

A autonomia a que se refere Freire (2002) dialoga com a educação emancipatória preconizada pelo educador em *A Pedagogia do Oprimido* (2019) ao afirmar “A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não ‘humanitarista’, pode alcançar este objetivo” (Freire, 2019, p. 56).

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2008) coloca a necessidade da libertação das ideologias coloniais que oprimem o colonizado: “O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (Fanon, 2008, p. 44). Essa luta pela liberdade que tangencia a guerra entre colonizado e colonizador, entre opressor e oprimido que é tão presente no pensamento freiriano, mas que para Fanon ganha um conteúdo étnico-racial muito forte e destruidor.

Fanon ainda afirma:

Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano.

Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar a minha liberdade (Fanon, 2008, p. 189).

As belas palavras de Fanon traduzem o pensamento preconizado por Freire: a liberdade é um fio condutor e um fim a se alcançar no projeto de vida do Homem, mas o Homem do povo, das classes trabalhadoras, o Homem oprimido, subalternizado, inferiorizado, humilhado.

Para finalizar o nosso diálogo sobre a aproximação do pensamento de Paulo Freire com a Decolonialidade, citamos as palavras de um dos seus maiores intérpretes na atualidade, o professor Henry Giroux (2021): “Argumentamos que a obra de Paulo Freire deve ser lida como um texto decolonial e que os educadores progressistas devem se engajar de forma radical na travessia de fronteiras para reconstrução de sua obra, na especificidade da sua construção histórica e política” (Giroux; Figueiredo, 2021, p. 4).

Por fim, trataremos na próxima sessão, um pouco das nossas experiências com as contribuições de Paulo Freire para a luta dos quilombolas, luta por uma identidade cultural, luta

por uma valorização humana, luta por seus direitos territoriais e sobretudo da sobrevivência de saberes griôs quilombolas.

### **Influências do pensamento freireano na luta das comunidades quilombolas**

Vivemos num momento polêmico no panorama educacional brasileiro, consequência de uma Reforma Educacional acionada desde o governo Michel Temer, em 2017, pela Lei Federal nº 13.415/17, que desencadeia uma série de ações do MEC sobre a Educação Básica como a nova BNCC (Base Nacional Curricular Comum), o novo Ensino Médio, que tem se tornado um transtorno para muitos professores da Educação Básica em todo país.

Preocupados com esse cenário nas comunidades tradicionais, propusemos um projeto de extensão intitulado *Saberes Griôs, Literatura, Formação de Professores e Tecnologias Educacionais*, na comunidade quilombola com a qual temos contato há mais de sete anos, a comunidade da Vila das Almas, no quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA.

O quilombo Saco das Almas encontra-se situado geograficamente na região do Baixo Parnaíba Maranhense e possui uma distância de aproximadamente 24 quilômetros da sede do município de Brejo/MA, tendo acesso pela rodovia estadual MA 034, que dá acesso ao cruzamento conhecido como Zé Gomes.

A luta das comunidades remanescentes de quilombos tem sido marcada pela resistência, seja contra os latifundiários especuladores, seja contra o próprio poder público que lhes dificulta a (re)conquista de seus territórios e, neste contexto de lutas, surgem identidades políticas, culturais, sociais, nestas comunidades, à medida que lutam por seus territórios ancestrais. Grande parte dos professores quilombolas se formou nos cursos de Educação do Campo das universidades públicas do estado do Maranhão, conseqüentemente, tiveram uma formação pautada na educação freireana.

Nesta luta pela territorialização, identidades são (re)criadas, (re)inventadas, pelas práticas (políticas, culturais, sociais) carregadas de representações simbólicas que traduzem a ancestralidade culturalmente transmitida geração após geração nestes territórios. “A invenção de identidades político-culturais é recorrente nas sociedades modernas, ela acontece sempre que determinado grupo põe-se em movimento para reivindicar o que lhe essencial. No caso das comunidades quilombolas: a terra” (Silva, 2012, p. 1).

Na busca desta identidade, inevitavelmente, mergulhamos na ancestralidade, que é resgatada através das memórias dos sujeitos envolvidos nestas lutas territoriais. Assim, memória e identidade são dois conceitos extremamente importantes para compreendermos como se dá esse processo de construção simbólica destas representações políticas, sociais e culturais que marcam a história destes sujeitos na luta por um território próprio.

O termo Griô é uma adaptação para a língua portuguesa do termo francês *Griot*, que designa os agentes culturais da tradição oral africana que atuam como cronistas, genealogistas, cantores, contadores de histórias, poetas, mestres de cerimônias, entre outras formas de mediação, responsáveis pela transmissão dos saberes para os membros de suas comunidades.

Segundo Silva (2012), os griôs originários da região do Mali, África Ocidental, pertencem a uma categoria hereditária de profissionais e são conhecidos numa das línguas mandê como Diéli ou Jeliw que significa “sangue”, provavelmente numa alusão a importância do sangue para a manutenção da vida e ao sistema circulatório, pois os Griôs difundem os saberes ancestrais adquiridos e transmitidos na oralidade num movimento itinerante pelas aldeias. São extremamente conceituados socialmente e exercem funções junto às famílias nobres rememorando as conquistas dos ancestrais e encorajando os governantes em tempos de guerras e em outras situações difíceis. Esse reconhecimento se deve ao grande valor atribuído à palavra nas sociedades africanas e a habilidade que os Griôs demonstram em manejá-la em sua multiplicidade de saberes e fazeres.

No Brasil, os saberes acumulados por esses mestres e que são trazidos para o contexto da educação formal fazem parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro, segundo o Decreto nº 3.551, de 4/08/2000 do Ministério da Cultura - MINC. Não só na Bahia, mas em vários estados, “estão se estruturando políticas afirmativas para a inserção de *griôs* em diferentes espaços educativos. No Rio Grande do Sul, a nível estadual, há a Lei Griô, que a exemplo da lei nacional em tramitação, objetiva a valorização e o reconhecimento da tradição oral” (Porto, 2016, p. 5).

Assim, o objetivo geral do projeto de extensão é investigar os saberes griôs produzidos no quilombo Saco das Almas a partir das narrativas orais, da memória coletiva de seus moradores, do imaginário presente nas representações simbólicas dos elementos culturais presentes nas práticas sociais, políticas e culturais cotidianas da comunidade.

Os benefícios da pesquisa incidem na elaboração de produtos, tais como, a produção de relatórios técnicos e científicos, a publicação de artigos científicos e livros. Tais produtos

servirão tanto para reafirmar as identidades e memórias da comunidade como também serão mais um registro que ficará acessível para uso da própria comunidade e para futuros pesquisadores que poderão vir a pesquisá-la, visto que poderão ser fontes bibliográficas que possam ser utilizadas como aporte teórico para pesquisas em andamento. Esse material será de grande valia para a valorização do patrimônio cultural quilombola do Maranhão.

**Foto 1:** Oficina de Saberes Griôs com o Tambor-Mirim da Vila das Almas



**Fonte:** Ferreira, 2023.

Uma linha de atividades consistiu na participação em oficinas sobre saberes griôs com os moradores da Vila das Almas (Foto 1). Nessa linha, investigamos elementos de maior destaque nas tradições culturais dos moradores do Quilombo Saco das Almas, identificados como saberes transmitidos pelos griôs da comunidade, presentes nos alimentos, nas danças, nos festejos, nos mitos e lendas do quilombo, a fim de perceber, através da memória coletiva de seus moradores, o imaginário e as representações simbólicas destes elementos culturais presentes nas práticas sociais, políticas e culturais cotidianas dos moradores desta comunidade, constituindo um patrimônio típico do quilombo, para ajudar na organização, cooperação e produção dos mesmos.

A outra linha de atividades consistiu em oficinas com os professores das escolas da Educação Básica da comunidade para vermos como estão trabalhando os saberes griôs, tudo organizado no próprio espaço do quilombo. Foi durante as oficinas com os docentes que conversamos sobre a formação inicial dos professores da escola Municipal Antônio Martins Costa e da escola Estadual Patrício da Cunha Costa.

O projeto permitiu-nos perceber o quanto a filosofia e pedagogia freireanas influenciam nas práticas cotidianas dos quilombolas, tanto no exercício da autonomia, da emancipação, da libertação, quanto na *práxis* crítica e reflexiva necessárias para a transformação social, seja na constante luta pela decolonialidade e consequente ruptura com a Colonialidade do poder (Quijano, 2009), seja na busca pela identidade quilombola e o reencontro com a sua afrocentricidade (Asante, 2009).

Em agosto de 2022, realizamos uma oficina sobre “Saberes griôs, identidade quilombola e educação quilombola”. Na oficina, discutimos o conceito de saberes griôs e identidade quilombola, trazendo a importância de que esses conteúdos sejam trabalhados na escola. Participaram da atividade 34 docentes, entre os quais constatamos que 30% são quilombolas da própria comunidade, com formação em Educação no Campo, curso oferecido pela Universidade Federal do Maranhão, pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Todos os 34 professores ouviram falar sobre o trabalho pedagógico de Paulo Freire, mas apenas os docentes com formação em Educação no Campo afirmaram ter estudado (por completo) pelo menos uma obra do educador.

Foi gratificante perceber o ponto de vista dos docentes quilombolas no que tange à relevância da perpetuação dos saberes griôs e da identidade quilombola para o fortalecimento das pautas de luta pela posse terra, que depende diretamente da avaliação do Relatório Técnico de Identificação e Demarcação (RTID) de terras<sup>11</sup>, elaborado pelo INCRA no decorrer do processo de titulação.

Ainda que apenas 30% dos docentes da comunidade tenham recebido uma formação específica para a Educação no Campo, os demais 70% formaram-se em cursos de licenciaturas, cujos componentes pedagógicos abordaram a pedagogia libertária freireana em algum momento

---

<sup>11</sup> Essa função foi direcionada ao INCRA concorrentemente aos Estados, Municípios e Distrito Federal, pelo Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003, em seu artigo 3º: Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

do curso. Esses dados refletem a potencialidade do projeto filosófico e pedagógico de Paulo Freire para os cursos de Educação no Campo. Quando perguntamos aos professores qual seria uma imagem que representa Paulo Freire para eles, 60% responderam “Educação”, 30% “Libertação”, 5% “Emancipação” e 5% “Transformação”.

Outro fator que nos chamou atenção ocorreu ao final do segundo semestre de 2022, quando os professores realizaram atividades escolares que resultaram em uma feira cultural sobre os saberes griôs da comunidade, focalizando na exposição dos saberes e utilização das tecnologias educacionais<sup>12</sup>. A atividade foi denominada de “Leitura na Praça” e teve a inspiração na obra *A Importância do Ato de Ler* de Paulo Freire, principalmente, na leitura de mundo voltada aos saberes griôs da comunidade.

Por fim, ficamos muito felizes com os resultados do primeiro ano do projeto de extensão, sobretudo, pelo engajamento da comunidade, pelas ações que refletem a *práxis* tão sonhada e desejada por Freire (1999), ainda que não cause um impacto de transformação social imediata e permanente no município em que se realiza, por isso, temos consciência de que é um ato de esperança, que planta, semeia e projeta sonhos maiores para o futuro.

### **Considerações finais**

Somos conscientes de que ainda desvendaremos muitos potenciais sobre o pensamento de uma das mentes mais brilhantes da educação brasileira, o eterno mestre Paulo Freire. Como todo ser humano, pode ter sido falível em algumas de suas conjecturas (alguns críticos afirmam que Freire negligenciou as pautas raciais, étnicas e de gênero), mas foi intensamente potente no espírito de humanidade e liberdade que despontava de sua essência.

Sempre esteve conectado aos oprimidos, condenados ou excluídos. Talvez por isso não seja tão difícil encontrar influências destes, como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Leopold Senghor, em suas formas de expressão. Mais fácil é fechar os olhos para esses pontos, como muitos fizeram até aqui (situação que está mudando aos poucos com o Giro Decolonial<sup>13</sup> (Ballestrin, 2013, p. 105). E, de fato, não seria possível estarmos dialogando sobre isso se não

---

<sup>12</sup> Feira Cultural realizada pelos docentes da Escola Municipal Antônio Martins Costa, da comunidade quilombola da Vila das Almas: [https://www.youtube.com/watch?v=VOp4p\\_Z\\_UpM](https://www.youtube.com/watch?v=VOp4p_Z_UpM)

<sup>13</sup> “Giro decolonial” é um termo cunhado originalmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005 e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. A decolonialidade aparece, portanto, como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade.

fossem as forças empreendidas por lutadores, guerreiros, pensadores, intelectuais, ativistas, políticos, educadores que incansavelmente deram sangue, suor e vida para chegarmos até aqui, em condições de poder dialogar sobre esses temas.

Ainda é preciso muito para romper com os grilhões da academia até chegarmos ao ponto de não sermos mais silenciados, ocultados, esquecidos ou oprimidos. A academia precisa parar de tentar aprisionar os pensadores em escolas, sistemas, jaulas de pensamento, que não aceitam que Paulo Freire (e muitos outros) seja visto como decolonial, fenomenólogo ou existencialista. Há muito para aprendermos, enquanto leitores, sobre pensadores e intelectuais brasileiros como Freire, Manuel Querino, Abdias Nascimento, Edison Carneiro. É preciso alcançarmos o que eles sentiram, perceberam, vivenciaram e experimentaram em seus momentos de produção do conhecimento. Sem julgamentos, sem tolhimentos, sem preconceitos, sem predições desnecessárias.

É o Paulo Freire existencialista, poético, sensível, da leitura do mundo crítica, reflexiva, interpretativa e humana que gostaríamos de demonstrar no presente texto, mas infelizmente não houve espaço para tanto. Ficará para outros desafios. Mas acreditamos ter alcançado o nosso objetivo de trazer os diálogos do educador com as correntes epistemológicas da Decolonialidade e do Afrocentrismo (como um precursor), bem como, demonstrar que os ensinamentos de Paulo Freire impactam nas comunidades quilombolas que tiveram acesso à Educação do Campo, fruto de um projeto pioneiro de Alfabetização popular proposto pelo educador pernambucano que se propagou pelo país inteiro, inspirando outras iniciativas como o PROCAMPO, PRONERA, PARFOR, ENSINAR etc.

Por fim, esperamos que o artigo provoque os leitores a buscarem mais do talento e genialidade do pensamento de Paulo Freire, um educador além do seu tempo, capaz de causar impactos por meio de seu fazer pedagógico no mundo inteiro, atento às necessidades dos oprimidos, sobretudo, das comunidades quilombolas e dos povos originários brasileiros, além de todos aqueles que tem sede de humanidade e libertação.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Mariléia de. bell hooks (1952 – 2021). **Blog de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**. Unicamp, Vol. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/> Acessado em: 24 de jun. de 2023.

ALVES, Castro. **Os Escravos**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 1997.

- AMADO, Jorge. **Abc de Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARELARO, Lisete Regina Gomes; CABRAL, Maria Regina Martins. Paulo freire: por uma teoria e práxis transformadora. In: **Rizoma freireano, Rhizome freirean**, n. 23, 2017, Instituto Paulo Freire de España.
- BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. A América Latina e o giro decolonial. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRUSSIO, Josenildo Campos. **Imagens arquetípicas na relação entre professor e aluno na escola: em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: NEA edições, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FRAZÃO, Elisiane Araújo dos Santos; LIMA, Veraluce da Silva. Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 622-637, ago./dez. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 81ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GIROUX, Henry; FIGUEIREDO, Gustavo de Oliveira. Paulo Freire e a Revolução Política do Pensamento Decolonial. In: **Ensino, Saúde e Ambiente – v. 14 n. esp. (2021): Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade**, p. 01-21.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- JUNG, Carl. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MACEDO, José Rivair de. **O Pensamento Africano no Século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

MAZUCATO, Thiago Pereira da Silva. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. 1ª ed. São Paulo. Editoria FUNEPE, 2018.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. IN: **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), PP. 12-32, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Coleção Sankofa – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira)

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. Entre a fumaça e as cinzas: estado de maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana. In: **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 11. n. 2, 2020, p. 57-80. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/5372>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 164 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

SILVA, Simone Rezende. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: **XII Colóquio Internacional de Geocrítica**. Bogotá: 2012.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Conocer el Mundo, Saber el Mundo**: El fin de lo aprendido, una ciencia social para el siglo XXI. México: Siglo XXI, 2001.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.